

Tematizando o vôlei sentado: outros olhares às dissidências corporais

Aline Santos do Nascimento

A escrivência apresentada foi produzida em 2024 com estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental (ciclo de alfabetização) da EMEF Virgínia Lorisa Zeitounian Camargo, situada no distrito de São Mateus, zona leste da cidade de São Paulo. Integrante da rede da Diretoria Regional de Educação (DRE) São Mateus, a unidade escolar tem recebido, nos últimos anos, um número expressivo de estudantes público-alvo da Educação Especial.

A região tornou-se destino de famílias provenientes de diferentes áreas do município, beneficiárias de programas habitacionais, incluindo unidades destinadas prioritariamente a pessoas com deficiência. Esse contexto contribuiu para o aumento da demanda por Atendimento Educacional Especializado (AEE¹) de crianças e jovens com deficiência, ampliando sua presença na escola. A infraestrutura da unidade contempla recursos de acessibilidade, como elevador, o que a fez tornar-se referência na região. Em diversos momentos, observa-se a circulação de profissionais que atuam no AEE: participam de formações continuadas, transitam pelo território escolar e dialogam com equipe docente, estudantes e demais profissionais da educação.

No ano letivo de 2024, contamos com 51 estudantes público-alvo da Educação Especial, sendo 29 no Ensino Fundamental I e 22 no Ensino Fundamental II. A partir do mapeamento realizado pelas(os) profissionais do AEE em nosso território escolar, identificamos estudantes com diferentes deficiências, transtornos, síndromes e condições de saúde, entre as quais: displasia metafisária de McKusick; Transtorno do Espectro Autista (TEA); deficiência intelectual (com implicações cognitivas e sociais); Transtorno Desafiador Opositivo (TOD); Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH); Síndrome de Down; cardiopatias congênitas; síndromes respiratórias; paralisia cerebral (incluindo diplégica espástica e hemiplegia); encefalopatia anóxica; transtornos de fala e linguagem; neoplasia maligna do encéfalo; deficiência visual (incluindo baixa visão); malformação cerebelar (síndrome de Dandy-Walker); epilepsia; defeitos de migração neural; Síndrome de Asperger; fibromatose generalizada; e pé torto congênito.

¹ De acordo com o art. 14 da [Instrução Normativa SME](#) nº 14, de 28/02/2025, que regulamenta o Decreto nº 57.379, de 13/10/2016, instituidor da Política Paulistana de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, no Sistema Municipal de Ensino, o Atendimento Educacional Especializado (AEE) configura-se como um serviço da Educação Especial cuja função é identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade, de modo a eliminar barreiras e assegurar a plena participação das(os/es) estudantes público-alvo da Educação Especial elegíveis ao serviço.

O contato com essas informações evidenciou a importância de encontros de formação continuada com professoras/professores, equipe gestora e coordenação pedagógica, voltados ao tratamento de questões relacionadas ao TEA, TDAH e TOD. Para aquele coletivo, naquele contexto, fazia sentido ampliar as fontes de significação e aprofundar os saberes sobre essas temáticas. No início desse processo formativo, durante os encontros de elaboração do Plano Especial de Ação (PEA²), emergiram dúvidas variadas, e euforia, angústia, mal-estar e desabaços compuseram a moldura das discussões. Em meio ao turbilhão de acontecimentos que atravessa o cotidiano escolar, e que, por vezes, nos conduz a caminhos controversos e contraditórios, alguns desses encontros foram organizados pelas professoras Renata Silvério e Cristina Cunha, que atuam como Professoras de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) na escola. Elas trouxeram contribuições relevantes e abriram espaço para a construção de outros olhares sobre as dissidências corporais, mostrando como estudantes com deficiência produzem conhecimento e cultura de modo singular, tensionando as normatividades sociais.

Nesse cenário, e em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) de 2024, que estabelecia como meta de formação continuada “promover estudos com base nas necessidades vivenciadas no cotidiano da escola”, optei por tematizar, nas aulas de Educação Física, os esportes paralímpicos.

No primeiro encontro com as turmas do 3º ano, apresentei a escolha do tema e explicitiei a pertinência da tematização naquele contexto. Com a intenção de mapear as significações e representações das crianças acerca das práticas corporais paralímpicas, levei fotografias, selecionadas na internet, de atletas em diferentes modalidades. Levei, também, imagens da mascote e do símbolo das Paralimpíadas de Paris 2024. Conversamos sobre as impressões das crianças ao entrarem em contato com esse material. Algumas não conheciam a história do símbolo paralímpico (os “Agitos”, que evocam dinamismo e união entre atletas de todo o mundo) nem da mascote paralímpica, as Phryges paralímpicas: pequenos barretes (gorros) frígios, sendo que um deles possui uma prótese para corrida, conferindo grande visibilidade às pessoas com deficiência.

² Na rede municipal de São Paulo, o PEA é um documento construído coletivamente por professoras/professores e pela equipe gestora, frequentemente compreendido como o braço operativo do PPP da unidade. Nele se explicitam as ações a serem realizadas no cotidiano escolar, bem como a organização dos tempos e espaços, os encontros de formação continuada à luz das diretrizes da Secretaria Municipal de Educação, o diálogo com políticas públicas e projetos educacionais, além de estratégias de participação de estudantes, familiares e comunidade, entre outros aspectos. Trata-se de um documento vivo, coletivo e performativo, pensado para que docentes se apoiem nele ao planejar e analisar suas práticas pedagógicas.



Imagem 1: símbolo, mascote e atletas paralímpicos

À medida que a conversa avançava, estimei a produção de registros discentes a partir da análise das imagens, considerando o modo como as crianças foram afetadas, o que sabiam sobre os Jogos Paralímpicos, se conheciam alguma pessoa com deficiência para além dos muros da escola, entre outros aspectos.



Imagem 2: registros da turma 3ºC

Surpreendi-me, contudo, com o espanto de parte das crianças diante de corpos com deficiência. Surgiram enunciados como “que dó” e “eu tenho pena deles”. Em alguns momentos, percebi desconforto e até risos. À medida que eu apresentava aquelas imagens, tais corpos pareciam ser lançados ao campo da abjeção, da impossibilidade. Passavam a ser validados e reconhecidos quando as crianças identificavam que se tratava de pessoas participantes de um megaevento esportivo. A partir daí, o tom se deslocou, e começaram a aparecer afirmações como “todos podem fazer esportes” e “eu acho bonito”, reposicionando esses corpos no campo da possibilidade. Era como se o esporte paralímpico operasse como dispositivo de visibilidade e reconhecimento social. As crianças faziam circular discursos e representações sobre as práticas e sobre suas/seus praticantes; cabia, portanto, pensar em como problematizá-las e tensionar os sentidos que as sustentavam.

Aproveitei que as Paralimpíadas ocorriam simultaneamente ao período em que as estudávamos e acessamos transmissões ao vivo das semifinais do futebol de cegos (Brasil x Argentina, categoria masculina) e do vôlei sentado (Brasil x EUA, categoria feminina). Assistimos à semifinal do vôlei sentado com a turma do 3ºA, pois era o horário da minha aula e, naquele dia, não foi possível reunir as três turmas. Para a semifinal do futebol de cegos, convidei as professoras regentes das três turmas, de modo que pudéssemos assistir em conjunto.



Imagem 5: assistência do vôlei sentado e do futebol de cegos

Enquanto acompanhávamos as partidas, íamos conversando sobre as regras, as substituições e diferentes aspectos do jogo. No vôlei sentado, observávamos as deficiências das atletas e sua relação com a classificação funcional; no futebol de cegos, discutíamos como os jogadores se orientavam em quadra e como conseguiam finalizar em gol. As trombadas entre atletas também chamavam atenção: as crianças demonstravam preocupação com a possibilidade de que se machucassem. Durante o jogo de vôlei sentado, contei que estudei com a atleta da seleção brasileira nº 7, [Nathalie Filomena](#), e a turma se empolgou. Passaram, então, a observá-la com ainda mais atenção, seus gestos, sua gestualidade, suas expressões e, ao final,

manifestaram o desejo de gravar um vídeo para ela. Combinamos de organizar esse registro em outro momento³.

Ao analisar esses encontros, percebi a importância de incluir aspectos históricos, bem como a forma de organização e participação nos Jogos Paralímpicos. Elaborei, então, um [material](#) de apoio com algumas informações: um breve contexto ou, mais propriamente, uma possibilidade de leitura, sobre a história das Paralimpíadas; uma síntese da classificação funcional (com a divisão em três grandes grupos: física, visual e intelectual), ressaltando que cada modalidade possui critérios próprios; a participação do Brasil, que conquistou 25 medalhas de ouro, 26 de prata e 38 de bronze, encerrando a competição em 5º lugar pela primeira vez; e a apresentação das 23 modalidades da edição de 2024 (atletismo paralímpico, badminton paralímpico, basquete em cadeira de rodas, bocha, canoagem paralímpica, ciclismo de estrada paralímpico, ciclismo de pista paralímpico, esgrima em cadeira de rodas, futebol de cegos, goalball, halterofilismo paralímpico, hipismo paralímpico, judô paralímpico, natação paralímpica, remo paralímpico, rúgbi em cadeira de rodas, tae-kwon-do paralímpico, tênis de mesa paralímpico, tênis em cadeira de rodas, tiro com arco paralímpico, tiro esportivo paralímpico, triatlo paralímpico e vôlei sentado). Para cada modalidade, o material reunia o nome, um vídeo curto de apresentação, o pictograma e a identidade visual.



Imagem 6: assistência do material sobre os esportes paralímpicos

Alguns estudantes do 3ºC reconheciam todas as modalidades. Acompanhavam a programação pela televisão e, sempre que podiam, assistiam às transmissões ao vivo, no contraturno e aos finais de semana. A estudante Camila⁴, em especial, só não soube explicar

³ Entrei em contato com Nathalie Filomena, mas ela estava concentrada e com foco total na competição.

⁴ Nome fictício.

uma modalidade: o rúgbi em cadeira de rodas. Inclusive, uma criança comentou: “Prof., quando você faltar, coloca a Camila no seu lugar. Ela sabe tudo.”

Ao mesmo tempo em que faziam circular suas impressões, fui interpelando as crianças. Perguntei quantos estudantes com deficiência elas acreditavam haver na escola. As respostas não passaram de sete. Sobre o contato com pessoas com deficiência no cotidiano escolar e fora dele, o estudante Alexandre, do 3ºB, disse que conhece poucas pessoas porque ele e, conseqüentemente, a turma, “ainda está crescendo”. Ressaltei que, naquele ano, a escola contava com 51 estudantes com deficiência. A reação foi de descrença generalizada. Comentei, então, que seria preciso olhar para outras direções para encontrar essas pessoas em nosso território escolar.

Após assistirmos aos vídeos e retomarmos as três classificações funcionais paralímpicas (física, visual e intelectual), o estudante Gurgel, do 3ºA, reconheceu-se como pessoa com deficiência física por não ter os dedos da mão direita. Nesse instante, a turma afirmou que ele poderia competir e ganhar muitas medalhas, e ele saiu da aula saltitante. Não intervi: deixei que todas(os) nós, inclusive eu, atravessássemos aquele afeto coletivo.

Por outro lado, algo bastante diferente ocorreu com a estudante Amanda, do 3ºC. As crianças mencionavam pessoas com deficiência que conheciam e, quando Camila citou o nome da colega, Amanda reagiu com incômodo e repetiu: “Eu não sou deficiente. Eu não sou deficiente. Eu não sou deficiente.” Pedi, então, que olhássemos para as(os) outras(os) com um olhar mais solidário, distinto de pena ou dó, e que não buscássemos definir os corpos de quem compartilhava conosco aquela cena. Enquadrar e nomear não era o objetivo do encontro. Amanda interrompeu a repetição, mas as expressões de Camila, pelos cantos da sala, pouco ou nada pareciam aceitar.

Camila também comentou a falta de investimento e de cobertura das Paralimpíadas em comparação com as Olimpíadas. Segundo ela, a cobertura olímpica aparecia “em todo lugar” e em “diversos canais”: havia comerciais e propagandas frequentes; no centro da cidade, um telão transmitia jogos ao vivo; no metrô, publicações diversas; e, na CazéTV, “passava tudo ao vivo”, o que, em sua percepção, não acontecia com as Paralimpíadas.

Ao longo dos encontros, fui registrando algumas enunciações recorrentes:

“Nossa, ele lançou o arco com o pé. Eu não consigo nem com duas mãos.”

“Eu, que não sou deficiente, não consigo fazer, e ela/ele consegue.”

“Meu Deus, como consegue fazer isso?”

“Como o Gabrielzinho come se ele não tem as duas mãos?”

“Professora, eles/elas são muito bons/boas!”

“Eu vi que ela [a jogadora de tênis de mesa] competiu nas Olimpíadas e nas Paralimpíadas. Ela saiu no jornal.”

Dei-me conta de que, ao entrarem em contato com as possibilidades dos corpos com deficiência, as crianças ressignificavam representações e tensionavam narrativas — ainda que, por vezes, de modo provisório. A cena entre Camila e Amanda, no entanto, lembrava que nossa atuação se dá sempre no campo da aposta: não há garantias na produção de novos olhares sobre as dissidências corporais.

O estudante Alan, do 3ºB, pessoa com TEA, interage pouco com a turma durante as aulas, mas é muito observador. Ao chegar à sala, permaneceu olhando para o computador. Perguntei se poderia me ajudar passando os slides e rodando os vídeos. Ele aceitou e colaborou durante o encontro. Em determinado momento, um estudante comentou que Lionel Messi, jogador de futebol, poderia participar dos Jogos Paralímpicos por ser uma pessoa com TEA. Paramos para refletir rapidamente e chegamos à compreensão de que ele poderia se enquadrar na classificação funcional “intelectual”. Na ocasião, o grupo, e eu também, concordou com a afirmação. No dia seguinte, porém, a professora e amiga Marina Basques Masella⁵ trouxe uma informação importante: uma pessoa com TEA só pode participar das Paralimpíadas se tiver outra deficiência associada. Segundo ela, trata-se de questão em debate no Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Vale mencionar que, no decorrer da tematização, a professora Renata Silvério (PAEE) acompanhou a turma 3ºB para contribuir com as situações didáticas e criar alternativas para a participação do estudante Amilton, que tem deficiência intelectual, visual e física, faz uso de cadeira de rodas. Após o acesso às classificações, as crianças do 3ºB afirmavam que Amilton poderia ser atleta paralímpico “em todas as modalidades”. Com o tempo, porém, fomos percebendo a complexidade de criar condições efetivas para sua participação. Após alguns encontros e diversas tentativas malogradas, Renata Silvério se prontificou a emprestar óculos de baixa visão e vendas utilizados em formações continuadas com docentes da DRE São Mateus sobre deficiência visual.

⁵ A professora e amiga Marina Basques Masella nos indicou dois materiais: 1 - Um documento da rede municipal de educação denominado “[conhecer para incluir a pessoa com deficiência](#)”. O material contribui para problematizar algumas falas e comportamentos que são considerados capacitistas, propondo reflexões e alternativas. 2 - Matéria sobre a [participação de pessoas com TEA nas paralimpíadas](#).

Com sua presença, realizamos com as crianças do 3ºB uma experiência com os óculos de baixa visão e as vendas durante uma caminhada guiada. Em duplas, as(os) estudantes revezavam: uma pessoa usava os óculos e/ou a venda, enquanto a outra orientava verbalmente o caminho a seguir. As crianças comentavam sensações e dificuldades. Amilton compartilhou conosco esse momento. Ao final do encontro, expliquei que, no futebol de cegos, a equipe de arbitragem confere, antes e durante o jogo, as proteções que cobrem completamente os olhos e as vendas colocadas por cima, item obrigatório para todas(os) as(os) atletas de linha, exceto a(o) goleira(o).



Imagem 7: caminhada guiada com óculos de baixa visão e vendas



Imagem 8: atividades realizadas pela professora Renata Silvério com o estudante Amilton

Agenciada pelas composições das cenas didáticas, propus que analisássemos, com as crianças, quais esportes paralímpicos, entre as 23 modalidades já observadas, poderíamos vivenciar no território escolar. À medida que discutíamos, a turma foi se empolgando e, de modo geral, o vôlei sentado e o futebol de cegos emergiram como possibilidades mais imediatas.

Percebi que essas escolhas estavam fortemente relacionadas às experiências já vividas: a assistência às semifinais; a experimentação dos óculos de baixa visão e das vendas; e o contato com alguns elementos que eu conhecia sobre a trajetória da atleta paralímpica de vôlei

sentado Nathalie Filomena (breve biografia⁶, formação, instituição em que cursou a graduação e clubes pelos quais atuou).

Considerando, ainda, os espaços disponíveis para as vivências (quadra, pátio, sala, entre outros) e os materiais necessários (bolas e rede), decidimos iniciar as experiências com o vôlei sentado.



Imagem 9: vivências do vôlei sentado

No decorrer das vivências, fomos identificando algumas dificuldades: manter a bola no ar; não tirar o quadril do chão ao tocar na bola; realizar o saque; controlar a direção da bola que, muitas vezes, caía longe das crianças sentadas; e fazê-la ultrapassar a rede. Aos poucos, as crianças foram criando modificações para tornar o jogo mais acessível a todas(os). Algumas se arriscaram a jogar sem segurar a bola; outras preferiam segurá-la antes de realizar o toque (câmbio); algumas permaneciam de joelhos; e outras assumiram a responsabilidade de buscar a bola quando ela caía longe do grupo.

⁶ Nathalie Filomena nasceu com uma lesão no plexo braquial, rede de nervos situada entre a coluna cervical e o ombro esquerdo, e com paralisia branda desse mesmo lado. Desde a infância, jogava voleibol com atletas convencionais. Aos 15 anos, recebeu um convite do clube em que treinava para conhecer o vôlei sentado.

Esses encontros foram importantes para que as crianças “sentissem na pele” a prática do vôlei sentado, analisassem as dificuldades impostas pelo contexto e produzissem suas próprias ressignificações.



Imagem 10: vivências do vôlei sentado

Após as vivências, nos reunimos na sala de aula para produzir registros sobre os conhecimentos acessados acerca do vôlei sentado até aquele momento e, também, avaliar nossas andanças pedagógicas. Sempre que surgia uma dúvida, interrompíamos a conversa para buscar informações e, nesse encontro, não foi diferente. Fui anotando na lousa o que havíamos aprendido e o que ainda gostaríamos de saber, com o intuito de qualificar nossa leitura e nossa produção sobre o vôlei sentado, bem como alargar as lentes com que vínhamos olhando para as pessoas com deficiência.

Novos conhecimentos passaram a compor a tematização, entre eles: altura da rede (1,15 m para homens e 1,05 m para mulheres); dimensões da quadra (10 m x 6 m, menor que a do voleibol olímpico); atribuições da equipe de arbitragem (marcação de pontos, identificação de erros, aplicação das regras, entre outras); principais gestos técnicos (saque, bloqueio, passe, recepção, levantamento e cortada); posições em quadra (líbero, ataque e defesa); papel da(o) técnica(o) (comandar o time); presença do placar eletrônico (observada nas partidas assistidas); composição do jogo (três sets de 25 pontos e, no tie-break, 15); e critério de pontuação (marca-se ponto quando a bola toca o chão dentro dos limites da quadra).

Ao discutirem quem são as pessoas que podem jogar vôlei nas Olimpíadas, as crianças registraram: “pessoas altas, pequenas, médias, normais, grandes, todo mundo”. Já ao falarem sobre quem pode jogar vôlei sentado, mencionaram: “pessoas com deficiência nos membros, pequenas, grandes, médias e altas”.



Imagem 11: registros discentes sobre o vôlei sentado

Retomamos as vivências, agora com posições definidas, técnicas(os) orientando suas equipes, árbitra(o) registrando pontos, erros e acertos, e a presença de um placar eletrônico. As crianças se revezavam nas posições e nas diferentes funções do jogo. Nessa etapa, era permitido permanecer de joelhos e, em determinadas ações, elevar o quadril para realizar algum gesto durante a partida.

Ao longo da semana, em razão do clima inadequado (frio e chuva), para as atividades na quadra, transferimos as vivências para o rol das salas. Organizamos as carteiras como postes, usamos uma corda para representar a rede e optamos por uma bola leve, a fim de evitar intercorrências, como a quebra de lâmpadas. Improvisamos duas quadras, o que possibilitou jogos simultâneos. A participação das crianças foi especialmente interessante de observar: elas

se engajavam e contribuía com os encontros à sua maneira, investindo no que mais despertava seu interesse.



Imagem 12: vivências do vôlei sentado

O professor de Educação Física da unidade, Adriano Soares, também tematizava o vôlei sentado com estudantes do 7º e 8º anos. Conversamos, então, sobre a possibilidade de as crianças do 3º ano assistirem a alguns jogos, com o intuito de produzir outros olhares sobre a prática e sobre suas/seus praticantes.

O encontro foi especialmente potente, pois as crianças entraram em contato com estudantes da própria escola que também vinham produzindo o vôlei sentado à sua maneira. Durante a observação, identificaram diferenças entre o jogo oficial, o jogo realizado pelas(os) jovens do 8º ano e o jogo que elas(es) mesmas(os) haviam construído.



Imagem 13: assistência de um jogo de vôlei sentado produzido por estudantes do 8º ano

Durante a tematização, contamos com a presença e a parceria de Helen Campos, estagiária do curso de graduação em Educação Física da Universidade de São Paulo (USP). Cursando a disciplina Metodologia do Ensino de Educação Física II, sob regência do professor Marcos Neira, ela tinha como objetivo acompanhar a escrita curricular de uma(um) docente que se dispusesse a colocar em ação o currículo cultural da Educação Física.

O professor Marcos Neira entrou em contato comigo e, prontamente, abrimos as portas do nosso território para que a participação de Helen Campos pudesse qualificar as ações didáticas. Seu olhar, o contato com as crianças e com as(os) profissionais da educação, as trocas de informações, os encontros na sala das(os) professoras(es) com o coletivo docente, suas inseguranças, dúvidas, alegrias e medos, e seu modo singular de agir, contribuíram de forma relevante para a produção da tematização.

Em uma conversa, destaquei a importância de convidarmos alguma(um) representante do vôlei sentado, para que as crianças acessassem outras fontes de informação e compreendessem um pouco mais sobre as experiências vividas por essas pessoas. Isso ajudaria, e muito, a criar espaços educativos nos quais novas inteligibilidades sobre as práticas e suas/seus participantes pudessem emergir. Era preciso produzir condições para que as crianças estabelecessem outras relacionalidades e construíssem novos olhares sobre as dissidências corporais, momento oportuno para problematizar representações e tensionar discursos pejorativos, observados em diferentes situações.

Helen se colocou à disposição para ajudar a encontrar alguém que pudesse nos visitar. Nos dias seguintes, recebi uma mensagem com contatos e possibilidades. Assim, conseguimos organizar um encontro com Geisa Leite, técnica de vôlei sentado da [Associação Desportiva para Deficientes](#) (ADD), e Ludmila Amorim, atleta da equipe de vôlei sentado da mesma instituição.

Na data marcada, recebemos ambas com afeto e acolhimento. Antes da chegada das crianças, conversamos um pouco. Geisa Leite foi a primeira a chegar, empolgada em contribuir com a tematização. Logo depois, Ludmila Amorim chegou acompanhada de sua mãe, Claudineia, e de seu irmão, Luiz. Vieram de transporte público e estavam um pouco cansadas(os) pelo trajeto, mas felizes com a possibilidade de partilha com as crianças.

As palavras são insuficientes para expressar a energia de Geisa Leite. Ela afirmou ser fundamental que ocorram interações como essa nas escolas, para que estudantes e toda a comunidade compreendam que é possível ter uma vida boa sendo uma pessoa com deficiência. Ao mesmo tempo, não deixou de mencionar as dificuldades e os inúmeros preconceitos

enfrentados pelas pessoas com deficiência e por aquelas que compõem sua rede de apoio, quando ela existe.

Geisa ampliou a conversa e ressaltou a importância de criar espaços de participação pública desses corpos, compromisso assumido pela ADD. Segundo ela, as crianças, ao chegarem à instituição, participam de diferentes atividades antes de serem inseridas nas modalidades esportivas, conforme suas especificidades. Além de técnica da equipe feminina de vôlei sentado, Geisa também trabalha diretamente com essas crianças e contribui para sua inserção nas práticas corporais paralímpicas.

No contato com as crianças, Geisa apresentou a história do vôlei sentado, falou sobre os Jogos Paralímpicos, explicou as classificações das(os) atletas e exibiu vídeos e imagens que ampliaram o olhar das crianças sobre a modalidade, trazendo conteúdos inéditos para o grupo.

Ludmila Amorim, 23 anos, atleta de vôlei sentado há três anos, compartilhou que sofreu um acidente de moto, que resultou na amputação de parte da perna, e que, desde então, passou a usar prótese. Ao mencionar as dificuldades do processo de recuperação e de inserção no esporte paralímpico, ela retirou a prótese e permitiu que as crianças a manipulassem.

Entretanto, o que mais chamou atenção não foi a amputação, as dificuldades do percurso ou aspectos relacionados à estética e à performance esportiva, mas o fato de a prótese estar envelopada com a imagem do jogador de futebol Lionel Messi, figura já mencionada anteriormente pelas crianças. Formaram-se dois grupos entre as(os) estudantes: um que aprovava a prótese com a imagem de Messi e outro que desaprovava, alegando que Cristiano Ronaldo era melhor. O debate se prolongou por toda a tarde.

Além da euforia em torno da prótese, Ludmila relatou ter encontrado no vôlei sentado a oportunidade de praticar um esporte, algo que não fazia antes do acidente, pois se considerava sedentária. Explicou, ainda, sobre competições de que participou, conquistas e os diferentes lugares por onde já passou em razão da modalidade. Depois da conversa, fomos para a quadra, onde Geisa Leite e Ludmila Amorim conduziram e participaram das vivências com as crianças.



Imagem 14: visita da técnica Geisa Leite e da atleta paralímpica Ludmilla Amorim

Encontro. Cena. Toque. Cheiro. Afeto. Partilha. Reconhecimento. Autógrafos. Vida.

Corpos em aliança, produzindo cultura e conhecimento. Dissidências corporais reconhecidas como vidas que importam; diferenças afirmadas como condição de existência; performances que escapam às normas e se produzem em outros contornos. Existências que confrontam aquilo que, a todo instante, tenta extingui-las. O encontro entre crianças e representantes/praticantes do vôlei sentado, de mãos dadas, em solidariedade, produziu ecos inimagináveis e saberes contra-hegemônicos, fazendo de todas(os) artistas do processo. E, ao fundo, os olhares de uma família orgulhosa.

Sentindo que a tematização caminhava para o fim, ainda que não tivéssemos mergulhado nas entrelinhas do futebol de cegos, dedicamos um momento para que as crianças se sentissem à vontade para se expressar sobre as andanças percorridas ao longo do trabalho com os esportes paralímpicos, com ênfase no vôlei sentado.

O mural artístico, produzido coletivamente por todas as turmas do 3º ano, foi exposto na parede próxima às salas de aula, para que os conhecimentos produzidos pudessem ser acessados por toda a comunidade escolar. Um espaço em que dó e pena não imperam.



Imagem 15: produção artística sobre o vôlei sentado

Por fim, ressaltamos que a escrevivência aqui apresentada foi produzida coletivamente, por muitas mãos e pelas alianças construídas ao longo do caminho. Agradecemos às crianças das turmas 3ºA, 3ºB e 3ºC; às professoras Daniela Lucatto, Camila Costa e Tathiane Teixeira (regentes das turmas); à professora Marina Basques Masella; à professora Renata Silvério (PAEE); à estagiária de Educação Física Helen Campos; ao professor Marcos Neira; às estagiárias Giovanna Andrade, Cristiane Pereira e Mariana Weninger; ao estagiário Nelson Pecina; ao professor Adriano Soares e às(aos/es) estudantes do 8º ano; à técnica de vôlei sentado Geisa Leite; e à atleta paralímpica de vôlei sentado Ludmila Amorim, bem como à sua família.